

A psicanálise brasileira na ditadura

Marina Bialer

Resenha de Rafael Alves Lima, *Psicanálise na ditadura (1964-1985): história, clínica e política*, São Paulo, Perspectiva, 2024, 448p.

Psicanálise na ditadura (1964-1985): história, clínica e política, livro de Rafael Alves Lima, recentemente publicado pela editora Perspectiva, convida o leitor a refletir acerca do *boom* da psicanálise no período ditatorial, tendo por base uma extensiva pesquisa documental cujas fontes primárias consultadas foram privilegiadamente as plataformas de arquivos Memórias Reveladas, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e o portal Hemeroteca. Nesse âmbito, o autor compartilha com o leitor o desafio (e surpresa) ao investigar documentos, arquivos e textos que um psicanalista e pesquisador em psicanálise, em um primeiro momento (sem a preparação metodológica complementar, sem formação como historiador) não teria colocado no seu horizonte de pesquisa. Em sua abrangente empreitada, o autor abarca inúmeras outras pesquisas documentais como a investigação de arquivos das instituições psicanalíticas, salientando a dificuldade de acesso a eles, pensados como parte das políticas do segredo em história da psicanálise. Ademais, o escopo das

suas fontes secundárias se estende (dentre outros) a amplo estudo da produção editorial brasileira, com destaque para a análise dos periódicos psicanalíticos, biografias de psicanalistas, entrevistas, produções audiovisuais no Youtube sobre história da psicanálise brasileira. Uma pesquisa documental de fôlego, inquestionável qualidade desse livro; mas, além disso, o autor surpreende o leitor desvelando, no transcorrer de 448 páginas, uma minuciosa análise da complexidade do crescimento da psicanálise no período ditatorial, que interessará não somente a psicanalistas, mas a todos que desejam elucidar nosso vasto (e enigmático) Brasil.

A introdução do livro o situa na tradição de pesquisa em história da psicanálise na ditadura brasileira, apresentando ao leitor seus antecedentes como o trabalho de Cecília Coimbra (historiadora e psicóloga – que além de pesquisadora se coloca como militante, tornando-se uma das proponentes do grupo Tortura nunca mais) e o do psicanalista Daniel Kuperman. Será a partir desse pano de fundo que Alves Lima definirá sua contribuição original ao tema.

Os primeiros capítulos do livro se dedicam a definir os parâmetros para uma história da psicanálise na ditadura, alicerçando-se na investigação das rotas filiatórias e migratórias e seus impactos no movimento psicanalítico. Encontramos uma detalhada discussão acerca da história da formação do psicanalista, o que servirá de material para Alves Lima desenvolver, no transcorrer do livro, sua hipótese acerca da existência do mito do pedigree do psicanalista brasileiro – pautado justamente na lógica de autoridade atribuída pela filiação simbólica aos primeiros psicanalistas oficiais, especialmente pelo critério da árvore genealógica, mas também acrescido pela necessidade de reconhecimento simbólico do psicanalista que deveria portar certos atributos culturais, um modo de se vestir europeu, uma maneira de se comportar, a incorporação de um tipo específico de sotaque. Embasado em Bourdieu, Alves Lima realiza instigante debate acerca do que designa por gramática de reconhecimento e os

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora pela Université Paris 7, pós-doutora pelo IP-USP.

DOI: 10.70048/percurso.74.175-178

jogos simbólicos institucionais horizontais e verticais acerca de quem tinha o direito de ser psicanalista, salientando a força de um modelo único (colonizador) que deveria ser disseminado internacionalmente.

Também nesses capítulos iniciais, Alves Lima procede a uma interessante discussão acerca da marginalização dos psicanalistas que não tivessem a validação oficial da formação institucional – validada pela IPA e que se solidificava em alguns polos nacionais –, debate que por seu turno desemboca em interessantes questões acerca da formação do psicanalista e os benefícios e riscos da institucionalização, o que será analisado pelo autor esmiuçando as especificidades observadas em cada uma das primeiras instituições psicanalíticas no Brasil.

Um capítulo inteiro do livro é dedicado especialmente à apresentação e discussão do papel das principais revistas de difusão da psicanálise, com destaque para a hipótese levantada pelo autor acerca da relevância da *Revista Brasileira de Psicanálise* (ligada à IPA) para a estabilização dos conceitos e das práticas psicanalíticas, por meio de uma certa forma de falar dos assuntos psicanalíticos, pela escolha de temas e pelo reconhecimento de valor simbólico outorgado a quem podia publicar/ter lugar de fala como psicanalista. Nesse âmbito, vale ainda citar a interessante investigação que o autor realiza de casos clínicos publicados nas revistas ipeístas¹, demonstrando inclusive quanto havia de político por trás da fachada de apolítico. Nesse material predomina uma abordagem adaptativista, em que militância ou rebeldia contra o horror eram interpretados não em sua legitimidade ética, mas como uma imaturidade psíquica que deveria ser curada; ou na vertente da interpretação na linha do circunscrito ao aqui-agora transferencial em que qualquer horror descrito seria projetivo. De modo similar, Rafael Lima assinala como vários questionamentos institucionais dentro da IPA, por membros mais jovens que problematizavam a instituição, eram interpretados no crivo edípico, de filiação.

Após a discussão sobre as bases da pesquisa historiográfica e suas especificidades no campo de estudo da psicanálise brasileira na ditadura e da elucidativa discussão acerca da institucionalização da psicanálise no Brasil, Alves Lima se debruça sobre as possíveis explicações para o *boom da psicanálise* (e de outros tratamentos psi) ocorrer no auge da ditadura. O autor investiga como nessa época se intensificou a procura por psicanálise como uma modalidade psicoterápica, muitas vezes sob a chancela institucional da IPA, sem que houvesse oposição do Estado ditatorial à psicanálise como tratamento. De outra parte, nesse mesmo capítulo Alves Lima se debruça sobre várias formas de incorporação do pensamento freudiano em círculos universitários, intelectuais e estudantis que se contrapunham à ditadura, destacando novamente a complexa tensão entre movimentos conservadores e revolucionários em cena no crescimento da psicanálise no Brasil. Aliás, vale mencionar a instigante pesquisa que Alves Lima realizará sobre a trajetória dos psicanalistas Hélio Pellegrino e Virgínia Bicudo, capítulos de leitura imprescindível para a elucidação da complexidade em jogo na implantação da psicanálise no Brasil.

Como não poderia deixar de ser, o psicanalista se dedica detalhadamente ao caso Amílcar Lobo, candidato à formação na IPA carioca, denunciado por sua participação ativa na tortura militar. Denúncia que tem por consequência a marginalização institucional dos psicanalistas denunciantes – Helena Vianna e Hélio Pellegrino – sem qualquer punição ao torturador, sob as escusas institucionais de que a psicanálise devia ser apolítica (e ter como única ideologia a própria psicanálise).

Embora não deixe de enfatizar quanto o caso Amílcar Lobo é uma catástrofe na história da psicanálise, o autor não o trata como uma exceção, como se fosse uma aberração vinda de Marte. Remontando a Freud e às origens da IPA, Alves Lima salienta como em 1949, no primeiro encontro internacional após a Segunda Guerra Mundial, Ernest Jones se dirige à plateia de psicanalistas solicitando que ficassem longe de toda política e de tudo o que

fosse considerado politicamente subversivo. O autor nos faz notar que as instituições ipeístas brasileiras são constituídas após esse evento e a diretriz dada por Jones², salientando quanto a posição dos psicanalistas perante o golpe militar de 1964 revela em todo seu peso a tensão entre neutralidade clínica e neutralidade política. Contudo, é também essa empreitada que demonstra a diversidade de relações entre os movimentos psicanalíticos – instituições e psicanalistas – e o regime militar, pois, longe de descrever um grupo homogêneo, acompanhamos no livro as diferenças regionais e singulares dos diversos psicanalistas, como a oposição de Pellegrino contra a ditadura e contra uma formação psicanalítica que seja pautada no autoritarismo e no que Coimbra chamou de “pedagogia da submissão”³ nas instituições psicanalíticas de formação.

De sobremaneira, o livro de Alves Lima nos demonstra em ato como pesquisa em história da psicanálise é um dos percursos de vitalização desta, a qual permite elucidar o passado histórico, reescrevê-lo, e criar rotas inéditas para o advir da psicanálise. Nessa empreitada, o autor colocou em xeque a neutralidade perante o caso Amílcar Lobo em um episódio histórico passado (ditadura), mas tal movimento crítico atualizou o que há de mais importante nos fundamentos da psicanálise para pensarmos a psicanálise que desejamos no presente e no futuro.

Se os capítulos iniciais do livro nos mostram todo um movimento conservador da psicanálise, em contrapartida, também somos apresentados por Rafael Alves Lima a toda uma

biblioteca psicanalítica crítica que surge no auge do período ditatorial (e ganha mais força com a abertura), que constitui parte de um movimento psicanalítico mais amplo que passa a pensar, criticar e tentar mudar a psicanálise de dentro. Nesse âmbito, o autor comenta como já em Hélio Pellegrino surgem menções às iniciativas de clínicas sociais que estavam sendo montadas por psicólogos militantes da esquerda, sem filiações institucionais. Além disso, o autor elenca como com a abertura democrática ganham força as publicações psicanalíticas alinhadas com a luta antirracista e as publicações críticas que levam em conta o contexto social, principalmente nas publicações de instituições não ipeístas. No percurso de investigação do *boom* da psicanálise durante a ditadura, Alves Lima esmiuça o recorte de classe que até então predominava, mas também nos apresenta os movimentos críticos de psicanalistas com uma postura intelectual alinhada com a abertura democrática do país, que problematizam a ideia de apoliticismo. Nesse âmbito, o autor traça inúmeras linhas de influência que impactam a emergência dessa abordagem, como o impacto do movimento da antipsiquiatria atento ao sofrimento psíquico ligado às instituições de tratamento, mas também o das classes trabalhadoras e o adoecimento psíquico produzido pelos processos de modernização.

Para terminar a resenha, mobilizada pela leitura dessa rica e potente pesquisa em psicanálise, gostaria de destacar a passagem do livro em que o autor menciona o papel questionador do Instituto Sedes Sapientiae (representado pela figura de Madre Cristina), alinhado ao caráter subversivo da psicanálise, em sua coragem para enfrentar formas autoritárias e ditatoriais que rouba(va)m o espaço da liberdade, do desejo e da palavra. Uma lembrança ainda mais especial quando comemoramos em 2025 os 40 anos do Departamento de Psicanálise com a leitura de um livro tão atual e imprescindível: leitura essencial e incontornável na biblioteca crítica da psicanálise brasileira.

1 Vale mencionar que hoje as instituições ipeístas e suas publicações também têm realizado movimentos críticos sobre as produções do passado e questionado modelos de formação psicanalítica, mas essa discussão foge do escopo de uma resenha.

2 Gostaria de mencionar muito brevemente um ponto tocado por Rafael Alves Lima, que é a importância de todo um movimento de freudianos politizados, de esquerda, que é dissipado com o exílio forçado para fugir do nazismo. Nesse sentido cito a relevância, dentre outros, de Otto Fenichel, cuja vida e obra teve a oportunidade de acompanhar na tessitura de doutoramento do colega psicanalista José Henrique Palumbo. Cf. J.H. Palumbo, *Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico*.

3 C.M.R. Coimbra, “A psicanálise nos tempos da ditadura”, *Pulsional: Revista de psicanálise*, v. 22, n. 197, p. 69.

Referências bibliográficas

- Coimbra C.M.R. (2009). A psicanálise nos tempos da ditadura. *Pulsional: Revista de psicanálise*, v. 22, n. 197, p. 64-80.
- Lima R.A. (2024). *Psicanálise na ditadura (1964-1985): história, clínica e política*. São Paulo: Perspectiva.
- Palumbo J.H. (2019). *Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico*. Tese [Doutorado em Psicologia Experimental], Universidade de São Paulo, São Paulo.